

Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisitada, poesia e futebol (estudos dolabólicos 1)

Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisited,
poetry and football ('dolabólicos' studies 1)

Gustavo Cerqueira Guimarães

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Doutor em Estudos Literários, UFMG
gustavocguimaraes@hotmail.com

RESUMO: Este artigo analisa o poema "Lajinha revisited # 17"/ "Lajinha revisitada", de Marcelo Dolabela (1957-2020), artista da geração da Poesia Marginal, no qual os seis primeiros versos retratam um menino sentado à mesa do café sonhando em ser jogador de futebol. No entanto, ocorre uma mudança abrupta no destino do herói. Esse é o mote para que o artigo aborde as transformações sociais vivenciadas pelo próprio Dolabela nos anos 1970, incluindo a mudança de sua cidade natal na região da Serra do Caparaó, divisa com o Espírito Santo, para a capital, de Lajinha/MG para Belo Horizonte. Para tanto, mobilizaremos referências sobre alguns símbolos do município e da região, narrativas de testemunhas de eventos da vida do poeta, com peculiaridades de sua biografia, paratextos de suas obras e, especialmente, análises e comentários de alguns de seus poemas, ressaltando a importância das conexões geográficas e históricas na construção de sua poética. Afinal, quando se vive entre duas culturas, o indivíduo não se integra totalmente a nenhuma delas, vivendo numa posição de "marginalidade".

PALAVRAS-CHAVE: Marcelo Dolabela; Lajinha/MG; Serra do Caparaó/MG/ES; Poesia Marginal; Futebol e poesia.

ABSTRACT: This article analyzes the poem "Lajinha Revisited #17" by Marcelo Dolabela (1957-2020), an artist from the generation of Marginal Poetry, which depicts in the first six verses a boy sitting at the coffee table dreaming of becoming a football player. However, there is an abrupt change in the hero's destiny. This is the foundation for the text to address the social transformations experienced by the poet himself in the 1970s, including his move from Lajinha/MG, his hometown in the region of Serra do Caparaó, bordering with Espírito Santo, to the capital Belo Horizonte. To do so, we will mobilize references to some symbols of the municipality and the region, narratives of events from the poet's life with peculiarities from his biography, paratexts from his works, and, especially, analyses and comments on some of Dolabela's poems, highlighting the importance of the geographic and historical connection in the construction of his poetics – Lajinha and Belo Horizonte. After all, when one lives between two cultures, the individual does not fully integrate with either, living in a position of "marginality".

KEYWORDS: Marcelo Dolabela; Lajinha/MG; Serra do Caparaó/MG/ES; Marginal Poetry; Football and poetry.

1. INTRODUÇÃO¹

o poeta não busca obra mas crise
vive para espalhar fome e problema
abre ao sol sua própria valise
e mostra que nem sempre traz poema [...].

“Matriz 3”, Marcelo Dolabela.²

Marcelo Gomes Dolabela nasceu no dia 17 de setembro de 1957 em Lajinha, Minas Gerais, e desde os anos 1970 radicou-se em Belo Horizonte, onde se estabeleceu profissionalmente como professor universitário e solidificou sua trajetória literária, infelizmente, interrompida em 2020 pelo seu falecimento. Embora a capital seja um dos cenários privilegiados de sua poética, ele nunca deixou de escrever, pensar e falar sobre a sua cidade natal, como no notável poema "Confidência de lajinhense", presente em *Lorem ipsus*, sua obra-prima, no qual se entrecruzam várias matrizes de sua escrita, como a do "poeta fracassado" – “quis ser Werther mas falhei/ quis ser Torquato e falhei/ quis ser Vladímir falhei// a poesia sabia que eu era fraco e me abandonou/ [...] em uma cidade de funcionários”.³

A seguir, será realizada uma análise do poema "Lajinha revisited #17", publicado na série "Futebol & Cia", em 2013, da revista eletrônica *Em Tese*.⁴ Recentemente, este poema passou a integrar a série “Poemas lajinhenses” da antologia *Jogo que jogo* (2024), de Marcelo Dolabela, com o título de “Lajinha revisitada”.⁵ Entretanto, antes de analisá-lo, traçaremos alguns contornos geográficos e históricos do município de Lajinha e da região da Serra do Caparaó, uma vez que Marcelo Dolabela exalta

¹ Texto derivado da palestra “Futebol na variante brasileira: A difusão do português pelo futebol”, na seção “Futebol, língua global do século XXI?” do “XV Congresso Alemão de Lusitanistas: Português: língua global do século XXI – culturas, literaturas, ciência e economia”, em Zwickau, Alemanha, 19 a 23 set. 2023.

² DOLABELA. *Matriz*, s/p.; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 129.

³ DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 149; DOLABELA. *Lorem ipsus*, p. 173.

⁴ A série é composta por “Lajinha revisited #17” e mais três poemas: “Brasil é o planeta do futebol”, “Depois do jogo” e “Conversa no Xoq-Xoq”, analisados no estudo “Marcelo Gomes Dolabela: três poemas futebolísticos entre o rigor e a circunstância (estudos dolabélicos #2)”, do livro *Problemáticas e solucionáticas do futebol em Minas Gerais* (no prelo). A série “Futebol & Cia” foi publicada na seção Poéticas do dossiê “A literatura e a vida: formas de usar”, na primeira edição da *Em Tese* na era da eletrônica e democratização das revistas científicas brasileiras pela plataforma internacional OJS. Promovido pela pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG, este periódico inovou à época pela qualidade do seu conteúdo artístico publicado em diálogo com os dossiês temáticos. Nessa edição, ao lado de Dolabela, por exemplo, encontra-se a série “Poemas do livro dos jardins”, de Ana Martins Marques, importante poeta belo-horizontina, 20 anos mais jovem que o poeta lajinhense.

⁵ DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 137.

o nome de sua terra no título. Assim, propomos a exploração de novas perspectivas críticas para a compreensão de sua vasta obra, já que até então esses aspectos raramente foram explorados.

Nas dedicatórias de dois de seus livros, Marcelo deixou registrado: "Às vezes a poesia chama Lajinha", sinalizando que um dos poemas de *Acre ácido azedo* traz a cidade no título (Fig. 1), e "Lajinha está onde estamos", mostrando como ele carrega suas memórias sempre consigo. Afinal, a sua sólida formação nesta cidade foi fundamental para a construção de sua poética.

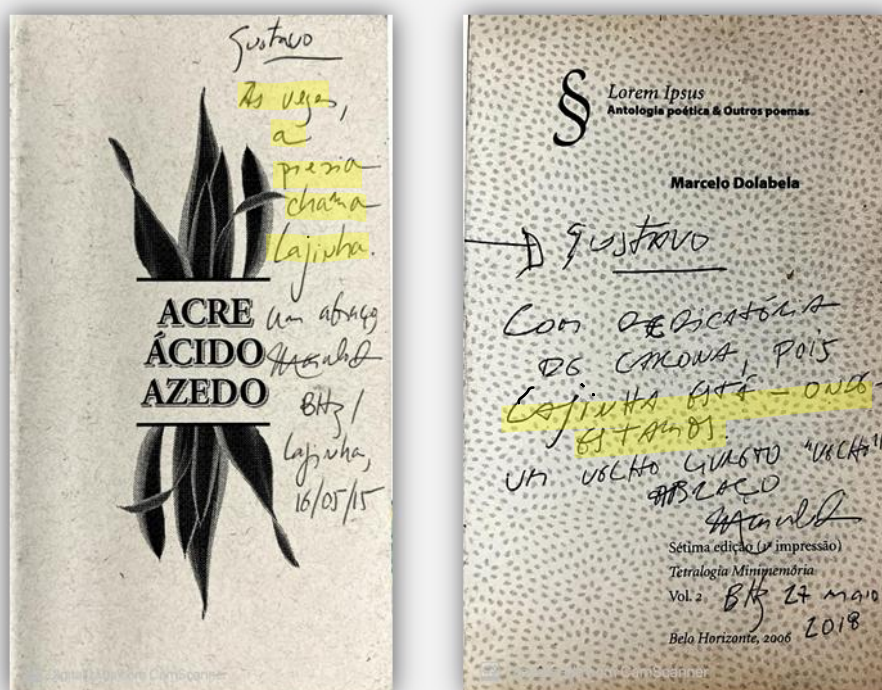


Fig. 1 - Contracapas de *Acre ácido azedo* e *Lorem ipsus* com dedicatórias de Dolabela.

Estas duas obras ocupam lugar especial na trajetória de Marcelo Dolabela. *Acre ácido azedo* (2015)⁶ é um dos seus melhores livros recentes, enquanto *Lorem ipsus* (2006)⁷ é uma antologia celebrativa de seus 30 anos de produção, num momento em que ele dizia estar “[...] ‘na hora de ter um livro com lombada’, em alusão clara aos volumes magros presos com grampos que até então havia organizado, diagramado e publicado na melhor tradição da *poesia marginal*”;⁸ comenta Ana Caetano de Faria,

⁶ Conf.: *Acre ácido azedo*: <https://bit.ly/47zj521>.

⁷ Conf.: *Lorem ipsus*: <https://bit.ly/3NLB1bl>.

⁸ CAETANO. Comentários [e-mail], 2024, s/p.

poeta contemporânea de Dolabela.⁹ Segundo esclarecimentos de Glauco Mattoso em *O que é Poesia Marginal* (1981), corrente poética à qual Dolabela se filiou nos anos 1970, "*marginal* é simplesmente o adjetivo mais usado e conhecido para qualificar o trabalho de determinados artistas, também chamados *independentes* ou *alternativos*".¹⁰ Este livro foge um pouco dos padrões das publicações de Dolabela, pois é um livro muito bem-acabado, "com lombada" sustentando as 224 páginas. Já à primeira vista, para aqueles familiarizados com o assunto, o tamanho, 17cm x 11cm, e a capa verde, belíssima com letras brilhantes, assemelham-se aos livretos de cânticos religiosos que circulavam em Lajinha há cerca de meio século.

Ainda em diálogo com a tradição, o título do volume em latim é derivado da palavra usada no campo do jornalismo "[...] para preencher espaços em lugar do texto definitivo, no esboço que antecede o *layout*, na criação publicitária".¹¹ Segundo a pesquisadora da UFAL Gláucia Machado, falecida recentemente, autora do livro *Todas as horas do fim – sobre a poesia de Torquato Neto* (2005), "nomear uma antologia de poemas como *Lorem ipsus* parece provocação e autoironia. Um aviso de que aquilo que lemos está no lugar de outra coisa: espécie de projeto inacabado, texto provisório".¹² De outro lado, Ana Caetano amplia nossa percepção, esclarecendo-nos que este título "[...] pode ser também pensado como uma nota crítica sobre essa mesma produção tentando desconstruir seu aspecto profissional, bem-acabado com a revelação do *esqueleto* do seu processo de produção".¹³ E é justamente a essa *matéria dura* que proporciona apoio estrutural ao corpo humano que o poeta se reporta logo na abertura de *Lorem ipsus*:

poesia
até com uma *costela*
poesia
confia
em
quem
crema *lodo* balela¹⁴

⁹ Ana Caetano de Faria é professora do ICB/UFMG, graduada em Medicina e mestra em Microbiologia pela UFMG e doutora em Imunologia pela USP. Atuou como Pesquisadora Visitante na Università di Bologna, Itália, na Rockefeller University, EUA, e na Universidade de Lisboa, Portugal.

¹⁰ MATTOSO. *O que é Poesia Marginal*, p. 8.

¹¹ MACHADO. *Com a borracha que se escreve*, p. 9.

¹² MACHADO. *Com a borracha que se escreve*, p. 9.

¹³ CAETANO. Comentários [e-mail], 2024, s/p. Grifos nossos.

¹⁴ DOLABELA. *Lorem ipsus*, p. 17. DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 84. Grifos nossos.

O formato do poema também nos remete ao universo das estruturas, sendo que o último verso traz ainda um anagrama perfeito de “Marcelo Dolabela” – “crema lodo balela”. Nesse jogo, sua alcunha toma o sentido de um agente que crema/queima/condena *lodo* e balela.¹⁵ Afinal, é nele, no poeta em estado de linguagem, que dá até a própria costela, que a poesia confia. O livro todo é muito bem estruturado, guiado em sua concepção pela *Antologia poética* de Carlos Drummond de Andrade, demonstrando a habilidade técnica e o pensamento apurado do poeta lajinhense. Sem dúvida, muitos poemas de *Lorem ipsus* podem servir como modelos exemplares, dignos de constarem entre os melhores tratados de versificação da língua portuguesa.

Antes de prosseguirmos, é imprescindível marcar que durante toda a sua trajetória, Dolabela circulou de maneira peculiar: fora do mundo virtual, com raríssimas exceções. Seus escritos eram apresentados em formato analógico, independente do mercado editorial, com tiragem pequena, geralmente entre 30 e 250 “exemplares”, e lançamentos alternativos sem grande promoção midiática. Apesar de possuir afinidade com diversas tecnologias, o poeta resistiu sem grande esforço ao uso do telefone celular e foi avesso às redes sociais.

Com mais de 60 obras publicadas, entre livros, livretos, plaquetes e livros-objeto, Dolabela circulou em diferentes circuitos artísticos ao longo de seus mais de 40 anos de intensa e ininterrupta atuação em Belo Horizonte. Isso evidencia seu compromisso em encarar a literatura como um projeto indissociável de sua existência, conforme demonstraremos a seguir, por meio de alguns indícios. Para tal efeito, mobilizaremos referências sobre fatos históricos e símbolos de Lajinha e da região; narrativas de testemunhas de eventos da vida de Dolabela; alguns *paratextos* de suas obras, segundo a concepção de Gérard Genette,¹⁶ como títulos,

¹⁵ Segundo o dicionário *Aulete Digital*, balela é “notícia falsa; dito sem fundamento; boato; mentira”. E uma das acepções de *lodo* é “depósito terroso com mistura [...] de *matérias animais* que se forma no fundo das águas”; a outra é “vileza”.

¹⁶ GENETTE. *Paratextos editoriais*, 2009. Os elementos paratextuais são geralmente considerados elementos acessórios, situados “às margens” das obras, como bem ressaltou Gérard Genette na introdução do seminal livro *Paratextos editoriais*: “[...] para nós o *paratexto* é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (p. 9). Assim, quando conveniente, abordaremos elementos que circundam os textos de Marcelo Dolabela com o intuito de mais satisfatoriamente compreendê-los, tendo em vista a escassez de material crítico produzido sobre os temas aqui tratados.

notas, prefácios e posfácios; além de analisar alguns poemas, especialmente o "Lajinha revisitada".

Também vale destacar que praticamente todos os livros de Marcelo Dolabela, inclusive os aqui mencionados, estão disponíveis para leitura on-line graças aos esforços do coletivo Musas & Moiras, que criou o portal do poeta situado no seguinte endereço: marcelodolabela.com.br.

2. PERTO DEMAIS DE CAPITAIS: UM MINEIRO LIMÍTROFE

[...] Não eu não sou do lugar
 dos esquecidos
 não sou da nação
 dos condenados
 não sou do sertão
 dos ofendidos
 você sabe bem

conheço o meu lugar
 conheço o meu lugar
 conheço o meu lugar
 conheço o meu lugar.

"Conheço o meu lugar", Belchior.¹⁷

Desde o início do século passado, o território que hoje conhecemos como Lajinha já apresentava uma conexão bastante significativa com os estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Situada ao extremo norte da Zona da Mata mineira, na região de Manhuaçu,¹⁸ mais precisamente na divisa com o estado do Espírito Santo, a cidade é circundada pelos municípios de Ibatiba/ES, Iúna/ES, Chale/ES, Durandé/MG e Mutum/MG.

Sem dúvida, a circulação de pessoas e as trocas estabelecidas com o sul espírito-santense e o norte fluminense desempenharam um papel fundamental na formação sociocultural de seus habitantes, marcante para o poeta em questão. Há pelo menos quatro décadas, partem todos os dias ônibus da rodoviária de Lajinha com destino às capitais Vitória/ES, Belo Horizonte/MG e Rio de Janeiro/RJ, as

¹⁷ BELCHIOR. *Era uma vez um homem e o seu tempo*, 1979, faixa 6.

¹⁸ Manhuaçu é um centro urbano representativo dentro do conjunto do qual Lajinha pertence. É um dos sete centros da Zona da Mata, que ainda inclui Cataguases, Juiz de Fora, Muriaé, Ponte Nova, Ubá e Viçosa.

quais estão localizadas a uma distância respectiva de 180 km, 330 km e 480 km. Vale lembrar que, até 1960, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil (Fig. 2).



Fig. 2 - Detalhe do mapa da região sudeste do Brasil, realçando Lajinha, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Vitória.

A 70 km de Lajinha, destaca-se o Parque Nacional do Caparaó¹⁹ (PNC), estabelecido em 1961,²⁰ com 31,8 mil hectares, entre Minas Gerais e Espírito Santo – este último estado concentra 70% da área total desta Unidade de Conservação.²¹ Essas terras são algumas das mais altas do país, com altitude entre 630 m, no vale do rio Itabapoana, no extremo sul do parque, e 2.892 m, no Pico da Bandeira,²² terceiro ponto mais alto do país, depois do Pico da Neblina (2.993 m) e do Pico 31 de Março (2.972 m), ambos localizados em Roraima.²³

O PNC abrange a serra do Caparaó que, por sua vez, compõe uma grande área montanhosa denominada maciço do Caparaó. O maciço integra uma extensa cadeia de dobramentos da chamada Província Geológica Mantiqueira, na denominada Faixa de Dobramentos Ribeira. Tal faixa é de eventos muito antigos, de 630-550 milhões de anos atrás. A zona Oriental da Província da Mantiqueira, na divisa entre MG e ES, onde se encontra o PNC, faz parte do Complexo Juiz de Fora.²⁴

¹⁹ Caparaó é um termo tupi que se origina de "capara-óca", que significa casa feita do arbusto capara.

²⁰ Conf.: "O Parque Nacional do Caparaó foi criado em 24 de maio de 1961 pelo decreto federal n. 50.646, assinado pelo então Presidente da República Jânio Quadros". Conf.: Parque Nacional do Caparaó: <https://bit.ly/3RKyx5d>.

²¹ CAMELO. *Flora fanerogâmica de araceae do Parque Nacional do Caparaó, MG-ES, Brasil*, p. 11.

²² O nome do Pico da Bandeira foi atribuído pelo imperador Pedro II em 1859, quando decidiu hastear a bandeira do Império no ponto mais elevado do Brasil naquela época. Conf.: SETUR (<https://setur.es.gov.br/regiao-do-caparao>).

²³ BRASÍLIA. *Plano de manejo: Parque Nacional do Caparaó*, 2015, p. 102; 189.

²⁴ BRASÍLIA. *Plano de manejo: Parque Nacional do Caparaó*, 2015, p. 94.

Atualmente, as atrações do Parque Nacional do Caparaó atraem milhares de turistas durante todo o ano. Especialmente no inverno, quando não chove, é possível chegar ao topo do Pico da Bandeira por meio de duas opções de acesso: a entrada pela portaria de Pedra Menina, em Dolores do Rio Preto, na vertente capixaba, e a entrada pela portaria de Alto Caparaó, localizada no lado mineiro (Fig. 3).

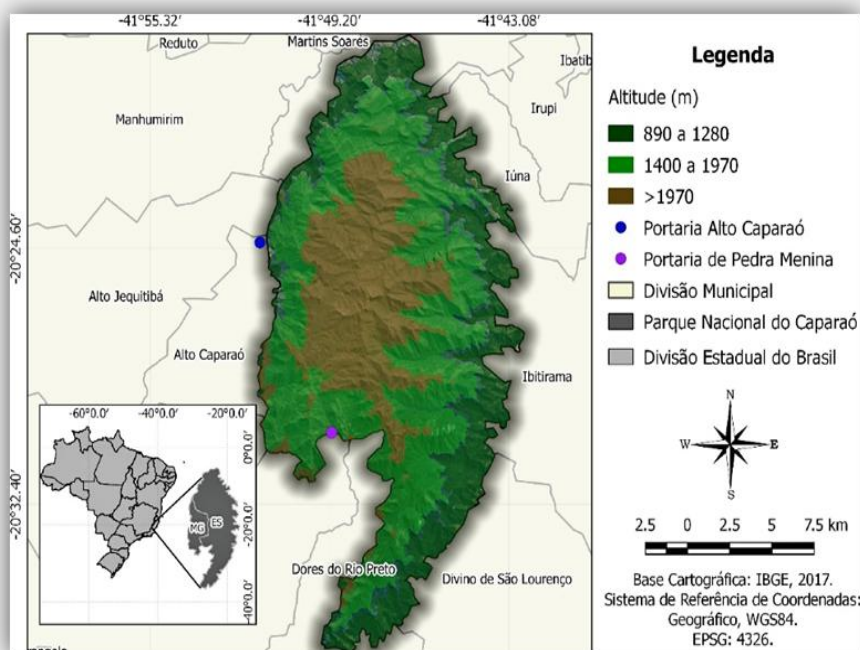


Fig. 3 - Localização do Parque Nacional do Caparaó, evidenciando os diferentes intervalos de altitudes e portarias de acesso. Fonte: IBGE 2017.²⁵

Mas se hoje essas fronteiras vivem pacificamente, nem sempre foi assim, pois a "Guerra do Contestado" arrastou-se ao longo de décadas do século passado, em momentos mais intensos do que outros, inclusive em vários trechos limítrofes do país. Lajinha fazia parte dessa "Zona Litigiosa" ou "Faixa do Contestado", porque não se sabiam ao certo os limites entre os estados e as cidades. Também já foi considerada uma zona "neutra" e ainda espírito-santense – "A linha divisória dos dois estados nesta região foi indefinida e variou muito, desde o tempo em que eram capitânicas, [...] Lajinha fora parte de Rio Pardo (Iúna, Espírito Santo)".²⁶

²⁵ CAMELO. *Flora fanerogâmica de araceae do Parque Nacional do Caparaó, MG-ES, Brasil*, p. 12.

²⁶ HERINGER. *Cidade dos vagalumes, Laranja da Terra, Itabirinha, e o fim do Contestado (MG/ES)*, 2011, s/p.

As marcas dessas disputas são tantas que estão registradas em uma das quadras do “Hino do Município de Ibatiba”: “Eis o município ibatibense/ Força, união e distinção/ Do estado espírito-santense/ Membro desta área de tensão”.²⁷ A fronteira entre Lajinha e Ibatiba, cidade ao sul do Espírito Santo que integra o centro urbano de Alegre, merecia um estudo à parte devido à singularidade da separação dos municípios: uma linha reta de 35 km, incomum na região (Fig. 4). Isso já foi motivo de minhas inquietações em outra oportunidade:

Desde pequeno, me lembro bem, essa reta estranha no mapa me intrigava nas aulas de Geografia. Afinal, não havia nenhum rio e nenhuma montanha para separar os territórios, como é comum entre as outras divisas. Então, passaram uma régua, fizeram uma linha reta, foram no cartório e pronto! De repente, criaram Lajinha e Ibatiba (risos).²⁸

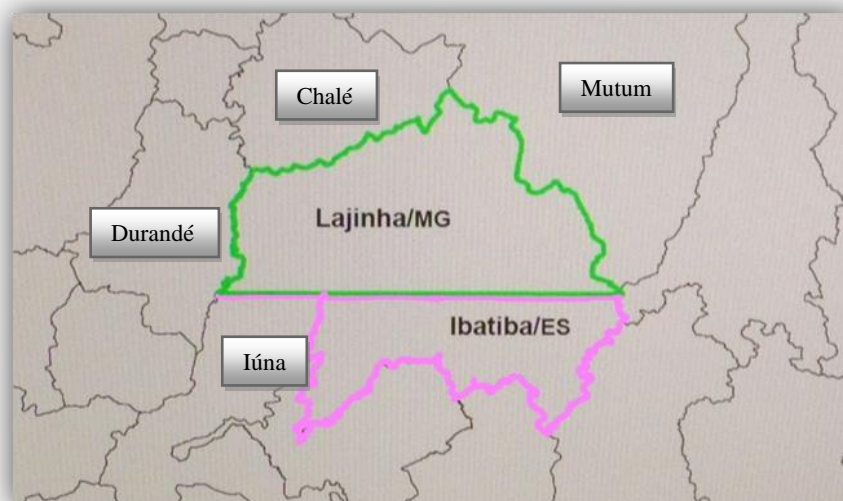


Fig. 4 - Mapa de Lajinha/MG e Ibatiba/ES.
Clique no link para expandir o mapa: <https://goo.gl/1vygGX>.

Nos anos 1960, a região se destacou no noticiário político por conta de outro conflito, o primeiro movimento organizado por civis e graduados nas Forças Armadas contra o governo militar após o golpe de 1964, a iminente “Guerrilha de Caparaó”. Plínio Guimarães, professor de História do IFES/Ibatiba, pesquisou parte dessa trama em sua dissertação de mestrado, na qual compartilhou algumas informações sobre as estratégias daquele grupo: “[Em 1966,] a escolha da área se deu por não haver grandes corporações militares na região e pela proximidade com

²⁷ Letra e música de David Gomes Saraiva. Conf.: <https://goo.gl/ntMda>.

²⁸ GUIMARÃES; SCHLEE; PIAZZI. [...] Futebol local e narrativas de fronteiras, 2018, p. 134.

o Rio de Janeiro e São Paulo, permitindo o contato com a parte do Movimento Nacional Revolucionário responsável pelo apoio à Guerrilha a partir das cidades”.²⁹

O documentário *Caparaó* (2007), de Flávio Frederico, vencedor do prêmio "É Tudo Verdade", remonta a história a partir do livro *Caparaó: a primeira guerrilha contra a ditadura* (2007), de José Caldas da Costa, e dos depoimentos de alguns dos guerrilheiros, como o do escritor baiano Araken Vaz Galvão (1936-2023), subcomandante do grupo e ex-sargento do exército, cujo codinome era Alencar:

[Nós] ocuparíamos a cidade [Presidente Soares/MG], prenderíamos a tropa que estivesse lá, tomaríamos as armas, faríamos lá uns discursos e tal e voltaríamos para esperar eles nos atacarem. O princípio básico da guerrilha é que quando o inimigo ataca, você recua, quando ele para, você fustiga, e quando ele recua, você ataca. Esse é o princípio básico, o ABC da guerrilha de Mao Tsé-Tung.³⁰

Na Semana Santa de 1967, o enfrentamento não se deu, porque “os homens ‘barbudos’ e ‘cabeludos’ que circulavam nas redondezas do Pico da Bandeira foram denunciados pela própria população local, sendo surpreendidos pela PMMG [Polícia Militar/MG] entre fins de março e início de abril de 1967”.³¹ No entanto, na perspectiva do gaúcho Hermes Machado Neto, um dos civis, restou algo de positivo, pois eles conquistaram “o objetivo principal, que era denunciar o regime estabelecido e demonstrar que existiam pessoas insatisfeitas, que existiam pessoas reagindo, sim”.³²

Em versos datados de 1998, do poema ainda inédito intitulado "68, o título que ninguém ganhou", um longo poema narrativo em que o futebol é central, Marcelo Dolabela nos remete à região em que morava naqueles tempos de chumbo:

1968, o ano não foi terrível só na política. [...]
 Eu tinha 11 anos.
 Morava em uma *pequena cidade da face leste do Parque do Caparaó. Norte da Zona da Mata.*
 Já tocando os costados do município de *Mutum*.³³

²⁹ GUIMARÃES. *Caparaó, a lembrança do medo*, p. 34.

³⁰ FREDERICO. *Caparaó*, 2007, 27' 30".

³¹ GUIMARÃES. *Caparaó, a lembrança do medo*, p. 20.

³² FREDERICO. *Caparaó*, 2007, 68'.

³³ DOLABELA. 68, o título que ninguém ganhou [1998], inédito. Livreto de poemas sobre futebol ainda a ser publicado. Grifos nossos.

Além de fazer fronteira com outro estado, Lajinha também faz divisa com a região mineira do Vale do Rio Doce, mais especificamente com a cidade de Mutum, conforme apontado por Dolabela. A cidade está relativamente perto de Aimorés/MG e Resplendor/MG, onde atravessa a Estrada de Ferro Vitória a Minas e onde vive o grupo indígena Krenak, que, inclusive, sofreu com os impactos da construção dessa ferrovia. Essa região faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, uma das mais relevantes do Brasil. Além disso, é palco de muitos conflitos, onde interesses diversos se chocam pela exploração mineral, utilização da água, controle da terra e pesca.

Voltando ao Caparaó, é oportuno frisar que Marcelo Dolabela, em 1973, em regime de internato, foi "estudar no Colégio Evangélico em Presidente Soares (hoje: Alto Jequitibá/MG), aos pés do Pico da Bandeira",³⁴ intensificando ainda mais seus laços com a região. Na época, a escola tinha ensino respeitado, atraindo estudantes de todo o país. A música tinha um espaço privilegiado, embora estivesse predominantemente ligada aos eventos da igreja presbiteriana e às comemorações cívicas executadas pela fanfarras. Antes, em Lajinha, o inquieto aluno já havia formado dois efêmeros grupos, Birds Road's Sorrow e Zero, tendo Sérgio Guimarães como parceiro em ambas as bandas.³⁵

Atento às revoluções estéticas do país, como o tropicalismo, sempre refletido em sua obra, de forma direta ou indireta – "a bênção a todos os grandes tropicalistas do Planeta" –,³⁶ Marcelo, ainda criança, em 1968, começou a colecionar discos, adquirindo o álbum de estreia do grupo Os Mutantes, um dos mais inventivos do rock mundial.³⁷ Sua coleção de discos é uma preciosidade e os títulos também podem ser conferidos no portal do poeta.³⁸

Vale destacar que Marcelo Dolabela estudou o ensino primário em Lajinha na Escola Municipal Comendador Leite, da 1ª série à 4ª série,³⁹ e na Escola Estadu-

³⁴ DOLABELA. Minivida até aqui – em forma de listinha. *Lira dos 60 anos*, segunda capa.

³⁵ DOLABELA. Minivida até aqui – em forma de listinha. *Lira dos 60 anos*, segunda capa.

³⁶ DOLABELA. *Lorem ipsus*, p. 19.

³⁷ Conf.: FERREIRA. Marcelo Dolabela, um herói ativista do *ABZ do rock brasileiro*, 2020. Curiosamente, em 1990, Dolabela assinaria o roteiro do curta-metragem sobre o integrante d'Os Mutantes intitulado *Maldito Popular Brasileiro: Arnaldo Dias Baptista*, de Patrícia Moran, hoje, professora da USP.

³⁸ Conf.: <https://marcelodolabela.com.br/index.php/bibliodiscografia/>.

³⁹ Durante seus dois primeiros anos do primário, Marcelo Dolabela foi aluno de Maria Alzira Cerqueira. Posteriormente, teve como professores Ebe Alves e Maria Eterna Gomes nos dois últimos anos de estudos no Comendador Leite. Essas informações foram compartilhadas por sua colega Neura Pereira, que, além de ter sido professora de História, há anos desempenha o papel de vereadora em Lajinha.

al Dr. Adalmário José dos Santos, da 5ª série à 8ª série. No decorrer dos anos de formação escolar, já surgiriam os primeiros traços de seu perfil artístico multifacetado – escritor, letrista, editor e colecionador. No portal do poeta, podemos encontrar, por exemplo, o seu primeiro "livro" montado em 1969, pouco antes de completar 12 anos, no qual Minas Gerais é um dos motivos de sua atenção (Fig. 5).⁴⁰

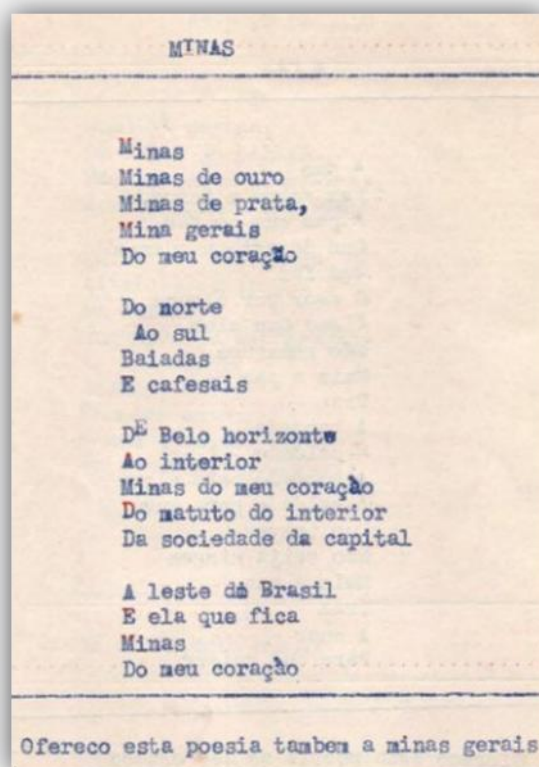


Fig. 5 - *Umas poesias*, Marcelo Dolabela.

Ainda na linhagem da infância, Minas Gerais assume o papel central em *Batuques de limeriques* (2005), obra infantojuvenil lançada pela Paulinas de São Paulo, uma das poucas publicações de Dolabela por meio de uma grande editora, que, aliás, foi muito bem-sucedida. O limerique, com sua forma poética sucinta de apenas cinco versos, revela-se como “[...] um poema de humor. De humor, não. De bom humor. Não o humor da piada. Mas o humor do *nonsense*. O humor sem-pé-nem-cabeça. Um poema que fala de coisas semelhantes e diferentes, ao mesmo tempo”,⁴¹ como nos é sabiamente apresentado no livro.

⁴⁰ DOLABELA. *Umas poesias*, 1969, s/p. Conf.: <https://bit.ly/41XudVf>.

⁴¹ DOLABELA. *Batuques de limeriques* [Apresentação], p. 3.

Marcelo Dolabela compôs 39 limeriques que “[...] amarram em um mesmo nó, em um mesmo novelo: lugares, cidades, regiões e estados do Brasil + pessoas + profissões + ritmos e instrumentos musicais”.⁴² E não é surpreendente que o vigésimo limerique seja dedicado a Minas Gerais e esteja posicionado no coração do livro, entre os 19 limeriques de cada lado, refletindo-os a partir do seu centro.

Havia um *músico* em *Minas Gerais*
que tocava *tango* em forma de *jazz*
em todo auditório
era tão notório
o *jazz* que vinha de *Minas Gerais*.⁴³

Diferentemente do usual, o poeta associa Minas ao ritmo do *tango* e do *jazz*, apontando para elementos estrangeiros “notórios” presentes na cultura do estado, fazendo coro com os mineiros na voz de Milton: “sou do mundo, sou Minas Gerais” em “Para Lennon e McCartney”.⁴⁴

Por fim, dentre os 39 destinos de todas as partes do Brasil, encontram-se três limeriques dedicados aos municípios próximos da cidade natal de Dolabela: Manhumirim, Chalé e Mutum, além do “harmônico” limerique lajinhense, que realça dois instrumentos de sopro:

Havia um *músico* lá em *Lajinha*
que tocava *pistom* numa *gaitinha*
a sua *harmonia*
eu bem conhecia
daquele *músico* lá de *Lajinha*.⁴⁵

3. LAJINHA NO MAPA DA POESIA BRASILEIRA

no fundo do quintal um fantasma
guarda meu mapa e
minha ilusão de 7 léguas.

“Lajinhense nº um”, Marcelo Dolabela.⁴⁶

⁴² DOLABELA. *Batuques de limeriques* [Apresentação], p. 4.

⁴³ DOLABELA. *Batuques de limeriques*, p. 15. Grifos do autor.

⁴⁴ NASCIMENTO. Para Lennon e McCartney, de L. Borges, M. Borges e F. Brant. *Milton* (1970).

⁴⁵ DOLABELA. *Batuques de limeriques*, p. 17. Grifos do autor.

⁴⁶ DOLABELA. *Grão*; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 138.

A cidade que hoje é sede do município de Lajinha foi formada de terras que, em 1882, pertenciam à antiga *Fazenda São Domingos*, de propriedade de Francisco Tomaz de Aquino Leite Ribeiro, mais conhecido por Comendador Leite [...]. Em 1910, [...] obtiveram a escritura de um alqueire de terra [...] para a formação do patrimônio de *Nossa Senhora de Nazaré*, em honra de quem seria levantada uma capela. E assim nasceu o povoado que já em 1916, pela Lei Estadual número 665, de 23 de agosto, foi elevado a distrito, com o nome de *Lajinha do Chalé*, tendo sido instalado em junho de 1917. Em 1929, o topônimo passou a ser apenas *Lajinha*. Foi elevado a município em 1938, por desmembramento de Ipanema e parte de Mutum e Manhumirim.⁴⁷

Por vezes, a história por trás de uma alcunha revela muito sobre como lugares, pessoas, objetos, títulos de obras e poemas adquirem significados e/ou identidades. Chamo atenção para isso para expor um traço a respeito do antigo povoado de Nossa Senhora de Nazaré: a invenção do seu próprio nome a partir de uma ação pública coletiva por volta de 1910, conforme conta a tradição oral.

A criação do nome de Lajinha deu-se devido a uma solução encontrada pela comunidade para atravessar o rio São Domingos: a construção de "uma laje [de pedra] no vau, no tobo da cascata, que se localiza sob a ponte atual",⁴⁸ hoje, o centro da cidade. A conexão improvisada logo se tornou um ponto de referência e toda a gente começou a chamá-la de *lajinha* – "do outro lado da *lajinha*, para cá da *lajinha*". Assim, a cidade adotou esse nome que reflete o elo das duas margens do rio. Lajinha é uma denominação acolhedora, um diminutivo, que nasceu da força da comunidade. Cabe aqui mencionar que o principal clube da cidade se chama União Futebol Clube, fundado em "19 de junho de 1938, seis meses antes de sua emancipação política".⁴⁹

Marcelo Dolabela contribuiu enormemente para a estetização e propagação do nome de Lajinha por onde suas obras circularam, carregadas de criticidade, como exigia seu posicionamento ético. Em um dos versos do soneto "Cripotomnésia 3", ele revela sarcasticamente que "deus não nasceu em lajinha/ pra me livrar da rotina".⁵⁰ No entanto, um dos poemas mais emblemáticos de Dolabela sobre esta cidade está no libreto *Simples*, datado de 1980, no qual o autor, sempre

⁴⁷ BRASÍLIA. Lajinha [verbete]. *Plano de Manejo do Parque Nacional de Caparaó*, 1981, p. 32.

⁴⁸ LAJINHA 2000: retrospectiva histórica, p. 12.

⁴⁹ LAJINHA 2000: retrospectiva histórica, p. 64.

⁵⁰ DOLABELA. *Acre ácido azedo*, p. 49.

com uma perspectiva crítica, alerta de forma concisa para a relação frágil entre o homem e a natureza:

lajinha: cultura de café
cultura de boi
o rio secou sem peixe.⁵¹

Essa breve e sofisticada composição de apenas três versos, quase um haicai, aponta para os desafios que a cultura cafeeira e a pecuária podem apresentar ao pequeno município de 20 mil habitantes. Quando essas atividades são implementadas de maneira desarmoniosa com a natureza, podem resultar na exaustão dos preciosos recursos hídricos e na deterioração da vida no ambiente aquático. É nesse contexto que a poesia de Marcelo Dolabela se destaca como uma poderosa ferramenta para a introspecção e a mudança. De passagem, é interessante saber que Dolabela, além de ter sido conhecido por suas ações coletivas, possuía algumas especificidades em sua vida: ele não dirigia automóveis e, desde os anos 1980, optou por excluir a carne de sua dieta, exceto peixes. Essas escolhas destoam do padrão dos jovens, sobretudo os que frequentavam bares lajinhenses e belo-horizontinos, onde a carne vermelha é a protagonista indiscutível.



Fig. 6 - Brasão de armas de Lajinha/MG.
Fonte: Lajinha por dentro da história, p. 14.

Seguramente, estas são as duas principais atividades econômicas da região, evidenciadas nos seguintes versos do "Hino do Município de Lajinha": "Nas pasta-

⁵¹ DOLABELA. *Simples*, s/p; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 142.

gens de grande valor/ Na beleza dos teus cafezais/ Representas assim orgulhosa/
Um pedaço de Minas Gerais!".⁵² Já no brasão de armas, criado em 1981, também sobressaem o boi e os ramos frutificados de café, além do monograma de Maria, do arado e da Pedra Torta (Fig. 6).

Lajinha está situada a 500 metros de altitude acima do mar e possui temperaturas amenas, muito propícias para o cultivo do café. Foi nessa atmosfera que Erick Oliveira criou seu instigante curta-metragem *Antes de chegar na sua mesa, passa pelas nossas mãos* (2020), que circulou em vários festivais, vencendo o prêmio de melhor documentário pelo júri oficial do Filmaê, festival de filmes produzidos com celular. Encontrando desafios e falta de oportunidades de trabalho em sua área, o realizador decidiu colher café em 2017 e filmar essa dura atividade ao longo de três meses. É fascinante a sua câmera, lírica, entre os trabalhadores rurais e a captura das paisagens do município de Chalé e região por meio de um drone. A "panha" de café acontece uma vez por ano, entre o outono e o inverno, e é a única fonte de renda desses "apanhadores" – "[...] trabalham quatro meses, juntam dinheiro, estocam comida em casa, porque o município é muito ruim de emprego".⁵³

Nesse documentário, podemos observar que a região se sobressai igualmente pelas suas proeminentes pedras (montanhas). Além da Pedra Torta, distinguida no filme e no brasão, destacam-se em Lajinha a Pedra da Baleia, onde se encontra o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, atração de romeiros no dia 12 de outubro, e a Pedra da Fortaleza, ponto mais alto da cidade, com 1360 m de altura, avizinha-da pela Pedra do Areado, um pouco menor.⁵⁴ Essa paisagem foi motivo de interesse de Marcelo Dolabela (Fig. 7), sendo estampada no início do livro de recordações que ele coeditou para seu pai em 2010.⁵⁵

De Dolabela, por fim, ainda sobre as pedras da cidade, ressoam os dois primeiros versos do poema intitulado "Lajinha", de *Mel e sol*: "entre mil pedras/ entre

⁵² Conf.: Hino do Município de Lajinha, de Jânio Vilas Boas – <https://bit.ly/3RHFjBR>. Gravado pelo compositor com arranjo e orquestração de João Anastácio da Silva Neto, subtenente da Polícia Militar – <https://bit.ly/48Egepn> [YouTube].

⁵³ OLIVEIRA. *Antes de chegar na sua mesa passa pelas nossas mãos*, 2020, 11'45".

⁵⁴ Imagens das pedras Fortaleza e Areado podem ser vistas no videoclipe "Fortaleza", de Luíza Boê, cantora nascida em Lajinha. Link: <https://youtu.be/s3TJVC1eOvk>.

⁵⁵ DOLABELA. *Memórias renascidas: René Dolabela 2010-2011*, 2010.

mil sonhos [...]",⁵⁶ e o soneto em tom melancólico "Lajinha on my mind", no qual o poeta exprime tragicamente no terceto final: "Pedra que engole gente e tudo devo-
ra/ rio seco, lágrima de fogo sem conserto".⁵⁷ Afinal, esta cidade já mal cabe em suas memórias – "o finito se tornou desordem e o perto/ se fez longínquo [...]".⁵⁸



Fig. 7 - Fotografia: Marcelo Dolabela, 1978. Ao fundo, as pedras da Fortaleza de Areado. Fonte: *Memórias renascidas*, de René Dolabela, 2010.

3.1 LAJINHA REVISITADA: SHAZAM! VIREI POETA, VIREI MARGINAL

não existe escola
pra boa bola que rola
em nossa caixola.

"11 haicais", Marcelo Dolabela.⁵⁹

Amante de música, futebol e poesia, assuntos ordinários em seu cotidiano, Marcelo Dolabela, em sua derradeira obra intitulada *Lira dos 60 anos: meus poemas favoritos*, confessa sua adoração por Zico e Tostão e declara-se torcedor do União/MG, do Cruzeiro/MG, do Flamengo/RJ e da Ponte Preta/SP. "Do União Futebol Clube", de

⁵⁶ DOLABELA; DOLABELA. *Mel e sol*, s/p. Grifos nossos.

⁵⁷ DOLABELA. *Acre ácido azedo*, p. 9; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 146. Grifos nossos. segundo Regina Guerra, este poema foi escrito em Lajinha no dia em que Rosângela e seus dois filhos perderam a vida, soterrados em casa, próximo à Policlínica, devido a um deslizamento.

⁵⁸ DOLABELA. *Acre ácido azedo*, p. 9; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 146.

⁵⁹ DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 56.

Lajinha, "escutei muitas histórias e guardo, em seu acervo, muitas camisas do time",⁶⁰ conforme declaração de Maria Regina Lage Guerra, sua legatária.

Recentemente, a *FuLiA/UFMG*, revista sobre futebol, linguagem e artes, publicou dois trabalhos de Dolabela sobre futebol: "11 haicais da paixão azul-celeste-rubro-negra" e "Scoring a brace for Dolabela/Dois do Dolabela", poemas traduzidos para o inglês por Renato de Souza Alvim, lajinhense, atual diretor do Centro de Estudos Portugueses da California State University, Stanislaus, nos Estados Unidos.

Em seus poemas sobre futebol, com o mesmo afinco, por meio de uma linguagem simples, direta e sofisticada, o poeta cria, através de metáforas, jogos de palavras e, sobretudo, do ritmo, uma atmosfera que transcende o campo de jogo e mostra parte de suas complexidades. Em seus poemas que abordam a seleção brasileira, por exemplo, Dolabela evitou cair na armadilha do nacionalismo barato que muitas vezes acompanha esse tema, convidando-nos a ver o futebol por outros ângulos e trazendo reflexões sobre a sociedade e a importância da arte e do jogo como formas de expressão.

De maneira breve, mas muito potente, o futebol aparece de forma determinante em "Lajinha revisitada", publicado pela revista *Em Tese* da UFMG e intitulado "Lajinha revisited #17". Este poema, gentilmente enviado por Marcelo Dolabela, a pedido dos editores, já havia sido publicado anteriormente, sob o título "Shazam!", que passou ao primeiro verso, em *Coração malasarte* (1980), um dos primeiros livretos do autor a conquistar reconhecimento crítico, sendo elogiado por ninguém menos que Paulo Leminski, uma das principais influências de sua geração, que lhe escreveu o seguinte:

marcelo, ia auscultando com estetoscópio teu *coração malasarte* quando me lembrei que não sou médico nem tua poesia é cardíaca: falo então na qualidade de poeta, e mais nada. tua poesia tem duas dimensões que me fazem a cabeça: humor e anti-beletrismo. poesia sem graça não dá. o princípio do prazer que a poesia, toda poesia afirma, exige o deboche, o sarcasmo, a pirueta e a surpresa. anti-beletrismo: poesia feita com material reles e rueiro, consumístico e pop, pedestre e desmistificador [...].⁶¹

⁶⁰ GUERRA. Depoimento para Lajinha, 2021, p. 8.

⁶¹ Conf.: LEMINSKI apud DOLABELA. Desfortuna crítica. *Lorem ipsus*, p. 213.

Os poemas futebolísticos de Dolabela não poderiam ser diferentes; é surpreendente como os traços marcantes elencados por Leminski também estão presentes neles – “humor e anti-beletrismo [...], poesia feita com material reles e ruiro, consumístico e pop, pedestre e desmistificador”. Afinal, o próprio tema é um verdadeiro convite para isso, como podemos conferir, enfim, em “Lajinha revisitada”:

Shazam!

o herói que há pouco menino
a família sonhava doutor
e jogava futebol no infantil
tomava mingau de aveia
com uma pitada de margarina

saiu
talvez
não volte

pro almoço nem
pro café da tarde nem
pro jantar e nem.⁶²

Com uma dúzia de versos distribuídos em quatro estrofes, este curto poema, narrado em terceira pessoa, ganha muito com suas características épicas. Os primeiros versos nos transportam, de forma prosaica, para as memórias de uma criança que jogava futebol e cuja família almejava que se tornasse um doutor quando crescesse, além de uma pitoresca cena à mesa no café da manhã – “mingau de aveia/ com uma pitada de margarina”.⁶³

Todavia, na metade final do poema, nas duas últimas estrofes, podemos perceber uma mudança abrupta acompanhando uma reviravolta no destino do “herói”. A tensão é habilmente provocada pela inclusão de três vocábulos isolados em versos: “saiu”, “talvez” e “não volte”, os quais se tornam mais intensos devido à repetição do “nem” ao final dos três derradeiros versos. Os dois primeiros estão conectados por uma conjunção aditiva, um “e”, e o último tem a função adverbial de negação, um categórico “não”.

⁶² DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 137.

⁶³ DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 137.

Além disso, merece destaque a sequência das refeições ao longo do dia: almoço, café da tarde e jantar. Essa progressão é marcada pelo sonoro vocábulo "pro", uma marca de oralidade no início dos versos, em contraposição ao termo "nem" no final, empregando uma sonoridade toda especial. Assim, com essas sofisticadas estratégias líricas, o texto se afasta de um simples enredo.

O primeiro verso do poema evoca a imagem de um dos super-heróis mais icônicos das histórias em quadrinhos, criado em 1940. Para aqueles que não sabem, Shazam circulou nos gibis brasileiros entre 1973 e 1978, alcançando seu apogeu de popularidade por meio da série televisiva de mesmo nome transmitida pela Rede Globo. Quando o menino Billy Batson pronunciava a palavra mágica "Shazam", um relâmpago o atingia, transformando-o em Capitão Marvel, um poderoso adulto que lutava pelos fracos e indefesos, pela justiça. Não seria essa também uma das sinas do nosso poeta?

Além disso, o termo SHAZAM é um acrônimo das iniciais de seis heróis da mitologia: Salomão, Hércules, Atlas, Zeus, Aquiles e Mercúrio. Cada um desses deuses representa, respectivamente, suas virtudes fundamentais que são incorporadas pelo herói: a sabedoria, a força, a resistência, o poder, a coragem e a velocidade.⁶⁴

Através desses novos elementos, podemos perceber que "Lajinha revisitada" é uma poesia caracterizada pela transformação e pelo deslocamento, ressaltando a vontade do próprio poeta de romper com o ordinário. Ao atribuir esse novo título, Dolabela nos convida a refletir sobre sua cidade natal, uma vez que o próprio significado do nome da cidade (ponte), como vimos, indica isso, adicionando uma perspectiva biográfica ao texto – ou "biografemática", como diria o pensador francês Roland Barthes –, como o jogo de bola que ele praticava na infância, um ambiente que, sem dúvida, moldou sua formação.

Abaixo seguem os primeiros versos do poema "Classe média", publicado no livro *A carne dos raios* (1980), em parceria com um de seus irmãos, Marconi Dolabela, onde o futebol aparece de modo bastante similar ao anterior. Digamos

⁶⁴ PIPOCA & NANQUIM. Tudo sobre Shazam nos quadrinhos (origem + principais títulos), 2019.

que seja um "poema-irmão" de "Lajinha revisitada", devido às suas semelhanças formais e temáticas:

nasce, sob
expectativa, o pai
diz:
– vai ser médico
anos depois o pai bate, porque
o menino fugiu pra
jogar bola
sai de casa
vira marginal [...].⁶⁵

O trecho traz de forma contundente a contradição entre pai e filho, representando a discordância entre diferentes gerações não sem violência. Nele, somos confrontados com a dura realidade desse garoto que, ao fugir de casa para jogar futebol, acaba sendo marginalizado pela sociedade. O poema aponta para a influência das expectativas sociais na escolha de uma profissão, destacando o aspecto de classe. Porém, há uma perspectiva criativa e bem-humorada, pois o menino se torna um "doutor" especializado em cuidar de corações frágeis:

numa esquina, abre peitos
e coleciona corações
no formol
era médico
dos desiludidos.⁶⁶

Assim, os dois poemas, "Lajinha revisitada" e "Classe média", com sua aparente simplicidade, convidam-nos a repensar sobre as coisas familiares, naturais e prosaicas que compõem o nosso dia a dia, combinando astutamente elementos de ruptura e reconexão, além de trágicos e cômicos, que nos levam em direções interpretativas distintas. Afinal, a literatura (e a vida) se enriquece justamente pela sua plurissignificação.

Por outro lado, do ponto de vista propriamente biográfico, nosso poeta, em 1974, mudou-se para Belo Horizonte inicialmente para "cursar os dois últimos anos do Científico e fazer o técnico de Análises Clínicas".⁶⁷ Em 1976, já havia

⁶⁵ DOLABELA; DOLABELA. *A carne dos raios*, s/p.

⁶⁶ DOLABELA; DOLABELA. *A carne dos raios*, s/p.

⁶⁷ DOLABELA. *Minivida até aqui* – em forma de listinha. *Lira dos 60 anos*, segunda capa.

ingressado no curso de Medicina Veterinária na UFMG, onde, diga-se de passagem, seu pai, René Dolabela, natural de Lajinha, igualmente se formou em Odontologia, em 1951.⁶⁸ Vale ressaltar que o Dr. René, como era conhecido na cidade, desempenhou a função de presidente do União, com uma “atuação brilhante”, responsável por “aumentar significativamente o patrimônio do clube”.⁶⁹

Outro aspecto importante do contraponto expresso[s] no[s] poema[s] se relaciona exatamente à influência do pai na escolha de Marcelo pela poesia. Sempre lembrava a visita guiada pelo pai ao túmulo do poeta Raul de Leoni em Petrópolis. O pai era, então, quem esperava que o filho fosse doutor, mas, por outro lado, mostrava-lhe o caminho torto da poesia. E ainda escolhia um poeta que, de certa maneira, foi ele mesmo, marginal e impermeável a qualquer enquadramento. Raul de Leoni [1896-1926] nunca se filiou propriamente a nenhuma escola poética e teve uma atuação fora dos holofotes, distante, embora fosse um admirador do parnasianismo de Olavo Bilac e do futurismo de Marinette.⁷⁰

A mudança de Lajinha para o colégio interno em Alto Jequitibá e, em seguida, para a agitada capital, quando definitivamente deixa de morar com seus pais, é refletida em seus escritos, como no instigante poema "lajinha/belorizonte", no qual as disparidades entre o interior e a metrópole são ressaltadas lado a lado:

<i>Lajinha</i>	<i>Belorizonte</i>
do meu passado	beep! brrrrzz!
tenho duas	barambam!
pedras	fiuiii! clic!
e uma pedra	porrrmm!
e um papel	uuaaiii! ai!
mata	uuf! ooh!
achado num liv	bawwww! oof!
ro do drummond	barummmm!!!!!! ⁷¹

Essa maneira contrapontística de enxergar o mundo, na qual o lugar de origem é uma referência, parece colocar o poeta sempre em uma posição de "marginalidade", vivendo em meio a duas culturas conflitantes – “Lajinha x Belo Horizonte; pedras x fiuiii! clic!; mata x ooh! bawww!” –, melancolicamente, como o narrador d’*O amanuense Belmiro*, clássico romance belo-horizontino dos anos

⁶⁸ DOLABELA. *Memórias renascidas: René Dolabela 2010-2011*, s/p.

⁶⁹ LAJINHA 2000: retrospectiva histórica, p. 65.

⁷⁰ CAETANO. Comentários [e-mail], 2024, s/p. Em *Lorem ipsus* há três títulos que reverenciam este poeta fluminense vitimado pela tuberculose: “Flores para Raul de Leoni”, “À maneira de Raul de Leoni #1” e “À maneira de Raul de Leoni #2”.

⁷¹ DOLABELA. *Réveillon*, s/p. DOLABELA. *Jogo que jogo*, 143.

1930 de Cyro dos Anjos – com os pés na capital e a cabeça em Vila Caraíbas. Ou ainda, uma vez libertado de uma das culturas, o poeta seria incapaz de se integrar plenamente à outra, permanecendo à margem de ambas⁷² – “Lajinha está onde estamos”, para lembrar a dedicatória de Dolabela na introdução deste trabalho. Assim, estar ao mesmo tempo em Lajinha e em Belo Horizonte, segundo a poeta Ana Caetano,

[...] operaria como gatilho/analogia da posição programática de Marcelo também como poeta marginal voluntariamente fora do universo formal das escolas literárias do seu tempo sem, no entanto, deixar de se inspirar no seu legado: o modernismo de Drummond e Bandeira, a vanguarda da poesia concreta [e visual] dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Wladimir Dias-Pino ou mesmo o rigor métrico e discursivo dos sonetos simbolistas. Marcelo foi um virtuoso da marginália, um mestre de [quase] todos os estilos e todas as escolas. Este é um estilo marcante e único da sua marginalidade que pode também remeter à duplicidade de suas referências geográficas e culturais. Sua relação com Belo Horizonte é celebrada em alguns poemas (“Maletta revisited #86”, a série de 17 poemas “Belo Horizonte, adeus”).⁷³

No poema que se segue, de 1998, Dolabela destaca a interligação entre esses universos contrastantes, mencionando a BR-262, estrada que percorreu por décadas de Lajinha a Belo Horizonte:

Curva da Figueira.
Trinta anos depois.
Férias merecidas.
O carro, que cruza a 262, direção Belo Horizonte-Vitória, quebra na
[curva mais famosa].⁷⁴

Em comentários sobre esta passagem do texto, Ana Caetano nos adverte ainda de que, embora gostasse de futebol, seria interessante notar que

Marcelo era um mineiro sedentário. Ele viajou muito pouco ao longo da vida, seja para outras cidades de Minas Gerais, seja para outros estados do país ou mesmo ao exterior. O peso de Lajinha e Belo Horizonte na vida do poeta ganha, assim, uma proporção realmente definidora da sua obra. [...] Ele impressionava pela cultura acumulada em leituras e sedimentada pela memória inigualável. Isto lhe permitiu desenvolver uma percepção atenta e crítica dos acontecimentos estéticos do mundo à sua volta sem dar muitas voltas ao redor dele.⁷⁵

⁷² MATTOSO. *O que é Poesia Marginal*, p. 7-8.

⁷³ CAETANO. Comentários [e-mail], 2024, s/p.

⁷⁴ DOLABELA. 68, o título que ninguém ganhou [1998], inédito.

⁷⁵ CAETANO. Comentários [e-mail], 2024, s/p.

Naqueles paradigmáticos anos 1970, nosso poeta foi testemunha atenta de uma série de transformações sociais que varriam o Brasil (e o mundo), libertando as pessoas das opressões impostas pelos regimes autoritários. Nessa época, ele começou a publicar seus primeiros versos e peças gráficas e acabou se interessando mais pelo mundo das letras, fazendo um novo vestibular na UFMG. Segundo o capítulo de livro “As margens da poesia”, “Marcelo veio a Belo Horizonte para estudar veterinária, pensando em se formar e *voltar para sua cidade*, dando continuidade à tradição da família na criação de gado. Mas seu gosto pela poesia o fez abandonar o curso já no sexto período para se tornar um calouro das Letras”.⁷⁶



Fig. 8 – Colegas do curso de Letras/UFMG, Gláucia Machado, Jair da Fonseca e Dolabela (à direita), na janela do apartamento do poeta na rua Tupis, centro de Belo Horizonte. Fonte: *Isto É*, 1986.

De 1979 a 1984,⁷⁷ ao lado dos colegas Gláucia e “Gato” Jair (Fig. 8), Dolabela recebeu uma excelente formação acadêmica, além de participar ativamente dos movimentos cineclubistas e estudantis contra a ditadura, intervindo publicamente, de forma coletiva, por meio de revistas, fanzines, cartazes, plaquetes, panfletos, entre outros.

⁷⁶ CAROLINA et al. *As margens da poesia*, p. 83.

⁷⁷ Até 1982, o curso de Letras da UFMG funcionava ao lado do lendário Teatro Universitário (TU), na Rua Carangola, no bairro Santo Antônio.

Mas esta é apenas uma parte da história. Oportunamente, serão divulgados os estudos enfatizando algumas obras e parcerias de Dolabela e a formação de sua fortuna crítica.⁷⁸ Um bom exemplo recente é a publicação do texto "Marcelo Dolabela, o *fazedor*: vanguarda, rock e Raul de Leoni" (2020), de Jair Tadeu da Fonseca, parceiro do poeta nas publicações cemfloristas.⁷⁹ Nessa edição especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, comemorando os 300 anos de literatura mineira, o pesquisador de literatura da UFSC profere com assertividade:

[Marcelo Dolabela] principalmente foi *poeta* em tudo que fez. Entre as diversas faces de sua produção artístico-cultural, *il miglior fabbro* de nossa geração, da década de 1970 até o fim de sua vida [...]. E lembro que etimologicamente a palavra *poeta* vem do grego antigo *poietés*, que significa *fazedor*, derivado de *poieîn*, o verbo *fazer*, uma ação, ou seja, algo prático, bem ao contrário do senso comum sobre essa atividade, de uns tempos para cá. E assim chegamos a uma inevitável redundância reveladora, pois *fazer* poesia é *fazer* o que se *faz*.⁸⁰

4. BELO HORIZONTE, ADEUS E PERSPECTIVAS

que um dia eu receba
da morte o abraço
e ouça o mote:
chega de fracasso.

Autobiografia lapidar, Marcelo Dolabela.⁸¹

[...] a humanidade sempre faz nossa partilha
em equânime e em invisível igualdade.

"Humanidade é amor", Marcelo Dolabela.⁸²

Marcelo Dolabela faleceu no dia 18 de janeiro de 2020, em decorrência de um acidente vascular cerebral ocorrido no dia 15 de outubro de 2018, uma segunda-feira, justa-

⁷⁸ Alguns comentários a esse respeito, consultar os vídeos: "A palavra do artista: a poesia de Marcelo Dolabela (1957-2020)", com Gustavo Cerqueira e Kaio Carmona, CCBM; UEM, 2021 (Disponível em: <https://bit.ly/3vxu7XW>); "Dois anos sem Marcelo Dolabela, com Kaio Carmona", Academia Mineira de Letras, 2022 (Disponível em: <https://bit.ly/3RNzuK8>).

⁷⁹ Para um maior aprofundamento no assunto, consultar a tese de doutorado *Cemflores: poéticas políticas em Belo Horizonte nos anos oitenta*, de Clara Albinati Cortez, EBA/UFMG, 2021.

⁸⁰ FONSECA. Marcelo Dolabela, o *fazedor*: vanguarda, rock e Raul de Leoni, p. 40. Edição organizada por Jacyntho Lins Brandão (UFMG).

⁸¹ DOLABELA. *Lorem ipsus*, p. 27

⁸² DOLABELA. *Acre ácido azedo*, p. 56.

mente quando se celebrava o Dia do Professor.⁸³ Ele, que por décadas exerceu com zelo essa profissão no curso de comunicação das faculdades belo-horizontinas “Newton Paiva, Isabela Hendrix, Una, Uni-BH e, finalmente, Estácio de Sá”.⁸⁴ Antes de sucumbir à doença, enfrentou a fadiga, necessitando de cuidados por mais de um ano na iminência de recuperar a capacidade de expressão após o desenvolvimento de afasia. Nesse período, “nem um haicazinho, uma risível quadra, um soneto em ABAB ABAB CDC DCD”, como escreveu em um dos tercetos de “Confidência de lajinhense”.

O corpo de Marcelo Dolabela foi velado na famosa Casa do Jornalista em Belo Horizonte, o mesmo local onde ele organizou seu último evento poético e político, a “Virada da Resistência”.⁸⁵ Estavam presentes a viúva, alguns familiares, e muitos amigos, como o músico Arnaldo Baptista e a ex-companheira Glória Campos, profissional da área do design gráfico que, diga-se de passagem, coeditou muitos livros do poeta, como o extraordinário *Lorem Ipsum*. Ao longo da noite, talvez centenas de artistas, professores, ex-alunos, ativistas e admiradores tenham passado pelo sarau para se despedirem de Dolabela. Dentre as várias homenagens prestadas, relembro, aqui, justamente a leitura do poema “Lajinha revisitada”, que ganhou um significado ainda mais intenso nesse contexto de adeus.

À época do falecimento de Dolabela, Jacyntho Lins Brandão, atual presidente da Academia Mineira de Letras, um dos notáveis intelectuais brasileiros, publicou no *Portal BHAZ*:

Belo Horizonte perdeu um de seus mais expressivos poetas: Marcelo Dolabela. Digo *poeta* para englobar tudo que ele produzia em termos de literatura, de música, de cinema, performances e shows. De fato ele era, desde a passagem dos anos 1970-80, um dos articuladores culturais na cidade e deixa um acervo precioso, que seria desejável fosse conservado.⁸⁶

⁸³ Dois dias antes, no dia 13 de outubro, num sábado, estávamos em Lajinha e bebemos juntos a última cerveja. Lembro-me de que falamos muito sobre como era voltar a morar nesta cidade, já que ele havia construído uma moradia ali recentemente e eu acabara de voltar após residir por quase três décadas em Belo Horizonte. No entanto, como saberia mais tarde, ficaria apenas nove meses, porque fui trabalhar em Maputo, Moçambique, na Universidade Eduardo Mondlane através do Leitorado/MRE, entre 2019 e 2023. Este é o último texto que escrevo representando essa universidade. Hoje, estou revisitando Lajinha novamente.

⁸⁴ DOLABELA. Marcelo: irmão, amigo, poeta e professor, p. 11.

⁸⁵ A “Virada da Resistência” ocorreu nos dias 29 e 30 de junho de 2018. Segundo o poeta Carlos Barroso, este foi o último evento coletivo que Marcelo Dolabela organizou, colaborando com o poema “Balada Lula Livre”, lido por mim, a seu pedido, de última hora.

⁸⁶ BRANDÃO. Adeus a Marcelo Dolabela, 2020. Jacyntho Brandão foi professor de grego e diretor da Faculdade de Letras da UFMG, além de vice-reitor.

O poeta não deixou filhos e hoje, Regina Guerra, formada em Farmácia, com quem se casou em 2011 e de quem foi amiga desde os tempos de estudos no ICB/UFMG, nos anos 1970, é sua herdeira e tomou a iniciativa de catalogar e preservar o acervo e a memória de Dolabela, além de pretender reeditar e divulgar a obra do autor, a exemplo da publicação da antologia *Jogo que jogo* (Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2024), destinada a leitores de todas as idades, em parceria com a Prefeitura Municipal de Lajinha.

Outra boa iniciativa ocorreu em 2021, com a instituição do "Dia Municipal da Cultura Marcelo Dolabela" através da Lei nº 1.668/2021, em celebração à memória do poeta. "De autoria do Poder Executivo Municipal, o projeto homenageia um filho ilustre do município e tem o objetivo de fortalecer ações culturais, oportunizar o surgimento de novos talentos e exaltar artistas, produtores culturais e demais personagens que lutam em prol da cultura lajinhense",⁸⁷ noticiou um dos portais da região, o *Diário de Manhuaçu*.

Mesmo residindo a maior parte da vida em outra cidade, [Marcelo Dolabela] manteve os laços sentimentais com a terra natal, tanto que Lajinha é o local onde seu corpo foi sepultado. Sua morte [...] foi noticiada em diversos veículos de imprensa e recebida com grande tristeza por produtores culturais e artistas do Estado de Minas Gerais. Brilhante intelectual e rara figura humana, [ele] é um orgulho para Lajinha e digno de receber tal homenagem.⁸⁸

Finalmente, após o último adeus em Belo Horizonte, Marcelo Dolabela também foi velado em Lajinha na presença de familiares e amigos, alguns dos sete irmãos (Rubens, Marcos, Regina, Maria Hilda, Marconi, Maria Fâni e Marlon), além de sua madrinha Edméa Rabello, com quem manteve um elo muito forte ao longo de toda a sua vida. Foi sepultado no Cemitério Novo ao lado de seus pais René Dolabela (1929-2017) e Maria das Dores Gomes Dolabela (1935-1993), Dona Dorinha, onde jaz o epitáfio com um verso da canção "Súplica", de João Nogueira e Paulo César Pinheiro: "O nome a obra imortaliza".⁸⁹

* * *

⁸⁷ DIÁRIO DE MANHUAÇU. Lajinha institui Dia Municipal de Cultura, 31 ago. 2021.

⁸⁸ SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *Marcelo Dolabela: 17/09/1957-18/01/2020*, 2021, p. 4-5.

⁸⁹ NOGUEIRA; PINHEIRO. Súplica. *Clube do samba* (1979).

Este texto é dedicado à gata Lajinha que me fez companhia enquanto eu o escrevia, mas infelizmente nos deixou aos sete meses, em 9 de janeiro de 2024, devido a uma sequência de eventos trágicos.

* * *

Pequeno perfil de um cidadão (in)comum

p/ Marcelo Gomes Dolabela

escreveu por tortas linhas
a pólis safa e divina
cantava com a voz que tinha
pra nos livrar da rotina

ele nasceu *na* lajinha
cidade pedra-retina
soube ler a ladainha
e fez da memória sina

contra a tolice assassina
bradou grandes poeminhas
por ruas belo-horizontinas

inda longe das marinhas
lavrou letras cristalinas
firme em direção à rinha.⁹⁰

* * *

⁹⁰ GUIMARÃES. *Dia Municipal da Cultura: Marcelo Dolabela*, 2021, contracapa.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Renato de Souza; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Scoring a brace for Dolabela/Dois do Dolabela. [Trad.]. **FuLiA/UFMG** [Dossiê: *Futebóis, carnavalizações, performances: sons da cultura popular*], Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 227-232, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/2QbW>.

ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro**. São Paulo: Globo, 2006 [1937].

A PALAVRA DO ARTISTA: a poesia de Marcelo Dolabela (1957-2020). [YouTube]. Gustavo Cerqueira Guimarães e Kaio Carvalho Carmona. Centro Cultural Brasil-Moçambique; Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique, 2021, 75'. Disponível em: <https://bit.ly/3vxu7XW>.

BELCHIOR. Conheço o meu lugar. **Era uma vez um homem e o seu tempo**, Composição: Belchior. WEA, Brasil, 1979, faixa 6.

BOÊ, Luíza; QERACÊ. Fortaleza. Lajinha: PeDRa LeTRa, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/s3TJVC1eOvk>.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Adeus a Marcelo Dolabela. **Portal BHAZ**, 06 fev. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/2Q6P>.

BRASÍLIA. **Plano de manejo: Parque Nacional do Caparaó**. Brasília: Secretaria do Meio Ambiente, 2015.

BRASÍLIA. **Plano de Manejo do Parque Nacional de Caparaó**. Brasília: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) / Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN), 1981.

CAETANO, Ana. Comentários por e-mail [sobre “Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisitada, poesia e futebol”], 09 fev. 2024, s/p.

CAMELO, Mel de Castro. **Flora fanerogâmica de araceae do Parque Nacional do Caparaó, MG-ES, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel/PR, 2018.

CAROLINA, Ana; VILAÇA, Clayton; SOARES, Eduardo; GARCAS, Tiago. As margens da poesia. In: SOUZA, Patrícia Fonseca de QUEIROZ, Sônia. **Editoras mineiras: o lugar da poesia**. Belo Horizonte: Labed/UFMG, 2012, p. 81-9.

CONFLITO AGRÁRIO NA REGIÃO DO CONTESTADO entre Espírito Santo e Minas Gerais. Projeto “História nas Redes”, UFES, com Adilson Vilaça de Freitas e Wallace Tarcisio Pontes, nov. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gjMRU>.

CORTEZ, Clara Albinati. **Cemflores: poéticas políticas em Belo Horizonte nos anos oitenta**. Tese (Doutorado em Artes plásticas, visuais e interartes), Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, 2021.

COSTA, José Caldas da. **Caparaó: a primeira guerrilha contra a ditadura**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

DIÁRIO DE MANHUAÇU. Lajinha institui Dia Municipal de Cultura, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3R5THvR>.

DOIS ANOS SEM MARCELO DOLABELA, com Kaio Carmona. [YouTube]. Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte, 2022, 14'. Disponível em: <https://bit.ly/3RNzuK8>.

DOLABELA, Marcelo. **Jogo que jogo**. Organização e apresentação: Gustavo Cerqueira Guimarães. Posfácio: Wilberth Salgueiro. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2024. 157p.

DOLABELA, Marcelo. **Lira dos 60 anos**: meus poemas favoritos. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2017.

DOLABELA, Marcelo. **Acre ácido azedo**. Belo Horizonte: Ed. do Autor, abr. 2015.

DOLABELA, Marcelo. Futebol & Cia. **Em Tese** [Dossiê: *A literatura e a vida: formas de usar*], Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 356-61, abr. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3QHMT7P>.

DOLABELA, Marcelo. Minivida. **Lorem ipsum**: antologia poética & outros poemas. Belo Horizonte: Editora Minimemória, 2006.

DOLABELA, Marcelo. **Batuques de limeriques**. Ilustração: Clô Paoliello. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção esconde-esconde).

DOLABELA. **Poeminhas & outros poemas**. Seleção: Ana Caetano. Belo Horizonte: Fahrenheit, 451, 1994.

DOLABELA, Marcelo. **Coração malasarte**. Belo Horizonte: Cemflores, 1980.

DOLABELA, Marcelo. **Grão**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980a.

DOLABELA, Marcelo. **Réveillon**. Belo Horizonte: PrOVERbo, 1980b.

DOLABELA, Marcelo. 68, o título que ninguém ganhou [1998], inédito.

DOLABELA, Marcelo; DOLABELA, Marconi. **Simples**. Belo Horizonte: Sonho de Valsa, 1980.

DOLABELA, Marcelo; DOLABELA, Marconi. **A carne dos raios**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980a.

DOLABELA, Marcelo; DOLABELA, Marconi. **Mel e sol**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1981.

DOLABELA, Regina. Marcelo: irmão, amigo, poeta e professor. **Dia Municipal da Cultura**: Marcelo Dolabela (17/09/1957-18/01-2020). Lajinha/MG: Prefeitura Municipal de Lajinha, 2021, p. 9-11.

DOLABELA, René. **Memórias renascidas**: René Dolabela 2010-2011. Editores: Marcelo Dolabela; Regina Dolabela. Lajinha; Belo Horizonte: Edição do Autor, 2010.

FERREIRA, Mauro. Marcelo Dolabela, um herói ativista do *ABZ do rock brasileiro*. **G1**, Rio de Janeiro, 19 jan. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3Lutdkr>.

FONSECA, Jair Tadeu da. Marcelo Dolabela, o fazedor: vanguarda, rock e Raul de Leoni. **Suplemento Literário de Minas Gerais: 300 anos de literatura.** Edição especial organizada por Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte, nov. 2020, p. 40-1.

FREDERICO, Flávio. **Caparaó.** Documentário. Estúdio Kinoscópio Cinematográfica, 2007, 77'. [YouTube]. Disponível em: <https://bit.ly/4aK0R0e>.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais.** Trad.: Álvaro Faleiros. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2009 [1987].

GUERRA, Regina. Depoimento para Lajinha. **Dia Municipal da Cultura: Marcelo Dolabela (17/09/1957-18/01-2020).** Lajinha/MG: Prefeitura Municipal de Lajinha, 2021, p. 6-8.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Pequeno perfil de um cidadão (in)comum [soneto a Marcelo Gomes Dolabela]. **Dia Municipal da Cultura: Marcelo Dolabela (17/09/1957-18/01-2020).** Lajinha/MG: Prefeitura Municipal de Lajinha, 2021, contracapa.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira; SCHLEE, Aldyr Garcia; PIAZZI, Giulia. Conversa com Aldyr Schlee (parte I): futebol local e narrativas de fronteiras [c/ áudio]. **FuLiA/UFMG** [Dossiê: *Futebol em contextos locais e regionais*], v. 2, n. 2, p. 127-55, 2018.

GUIMARÃES, Plínio Ferreira. **Caparaó, a lembrança do medo:** a memória dos moradores da região da Serra do Caparaó sobre o primeiro movimento de luta armada contra a ditadura militar – a Guerrilha de Caparaó. Dissertação (Mestrado em História), Juiz de Fora, UFJF, 2006.

HERINGER, Leonina. [Blog]. **Cidade dos vaga-lumes, Laranja da Terra, Itabirinha, e o fim do Contestado (MG/ES)** – Parte I: Laranja da Terra, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/48w5n1b>.

HINO DO MUNICÍPIO DE IBATIBA. Letra e música: David Gomes Saraiva. Disponível em: <https://goo.gl/ntMda>.

HINO DO MUNICÍPIO DE LAJINHA. Prefeitura Municipal de Lajinha. Composição: Jânio Vilas Boas. Disponível em: <https://bit.ly/3RHFjbR>. Gravação: Jânio Vilas Boas. Arranjo e orquestração: João Anastácio da Silva Neto. [YouTube]. Disponível em: <https://bit.ly/48Egepn>.

IBGE. Lajinha. Disponível em: <https://bit.ly/3tDjeU7>.

LAJINHA 2000: retrospectiva histórica. Editor geral: Aداuton de Souza Santos. Lajinha: Clave Editora, 2000.

LAJINHA por dentro da história. Coordenação geral: Geralda Sathler Alvim. Prefeitura de Lajinha, 2021.

LEMINSKI, Paulo. Desfortuna crítica. [Trecho de carta]. In: DOLABELA, Marcelo. **Lorem ipsum:** antologia poética & outros poemas. Belo Horizonte: Editora Minimemória, 2006, p. 213.

MACHADO, Gláucia. Com a borracha que se escreve. In: DOLABELA, Marcelo. **Lorem ipsus**: antologia poética & outros poemas. Belo Horizonte: Editora Minimemória, 2006, p. 9-14.

MARCELO DOLABELA (portal do autor): <https://marcelodolabela.com.br/>.

MATTOSO, Glauco. **O que é Poesia Marginal**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NASCIMENTO, Milton. Para Lennon e McCartney. Composição: Lô Borges, Márcio Borges e Fernando Brant. **Milton**, Brasil, 1970, faixa 1.

NOGUEIRA, João. Súplica. Composição: Paulo César Pinheiro e João Nogueira. **Clube do samba**, Brasil, 1979, faixa 1.

OLIVEIRA, Erick Maximiano. **Antes de chegar na sua mesa, passa pelas nossas mãos**. Documentário. Lajinha/MG: GMA Produções, 2020, 14'. [YouTube]. Disponível em: <https://bit.ly/41MS5um>.

PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ. Disponível em: <https://bit.ly/3RKyx5d>.

PIPOCA & NANQUIM. [YouTube]. Tudo sobre Shazam nos quadrinhos (origem + principais títulos), 2019. Disponível em: <https://bit.ly/45soreO>.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, Esporte e Turismo da Prefeitura Municipal de Lajinha. **Dia Municipal da Cultura**: Marcelo Dolabela (17/09/1957-18/01-2020). [Livreto]. Pesquisa: Herbert Soares. Lajinha/MG, set. 2021. 12 p.

SETUR – Secretaria de Estado do Turismo do Espírito Santo. Disponível em: <https://setur.es.gov.br/regiao-do-caparao>.

SOUZA, Patrícia Fonseca de. Associação Cultural Pandora. In: SOUZA, Patrícia Fonseca de; QUEIROZ, Sônia. **Editoras mineiras**: o lugar da poesia. Belo Horizonte: Labed/UFMG, 2012, p. 33-6.

* * *

Recebido em: 11 dez. 2023.

Aprovado em: 11 jun. 2024.

